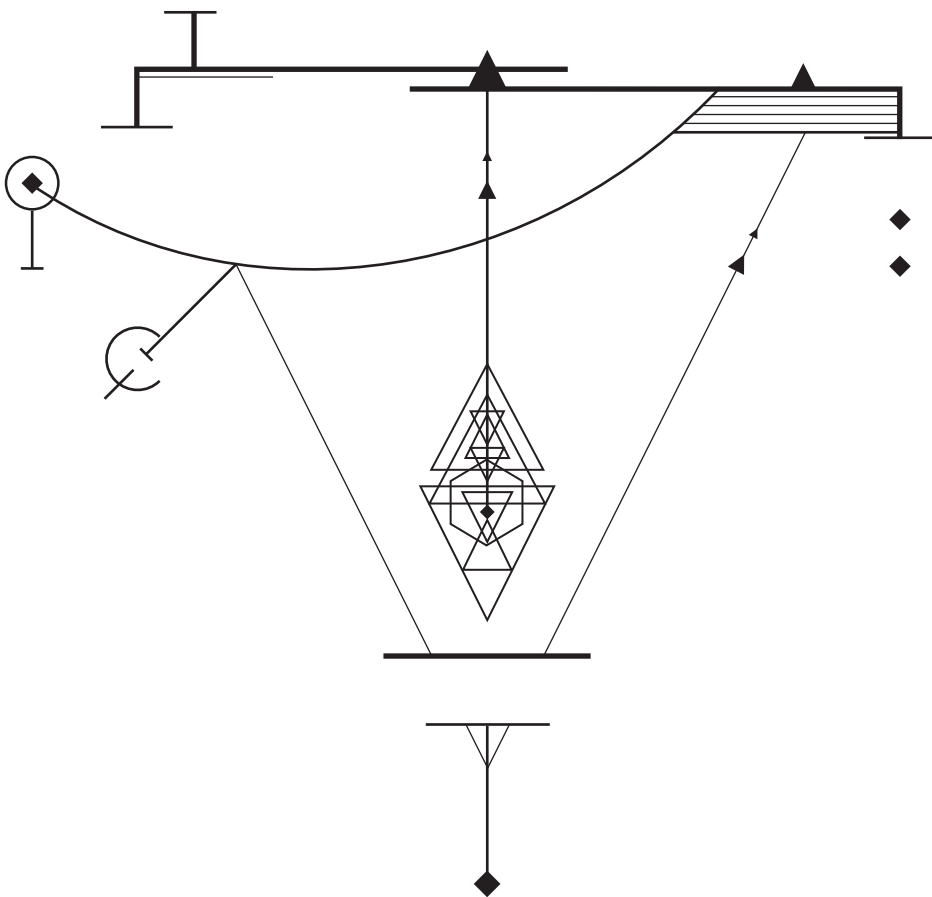


APRESENTAÇÃO



INTRODUÇÃO

Maria Celeste Natário
Maria Luísa Malato

Um verso de Teixeira de Pascoaes, “O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno”, deu tema e título ao amplo projeto que nos foi apresentado pelo investigador do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Hugo Calhim Cristóvão. Amplo projeto, sublinhamo-lo, porque diverso nas formas de abordagem: uniu como raramente se unem a poesia, a dança, a filosofia, a música, o teatro no seu sentido mais extenso. Projeto amplo, também porque múltiplo nas suas localizações físicas, apesar da concentração temporal: Bacau, na Roménia, em 2015; Porto, Vila do Conde, Viana do Castelo, Ílhavo, Lisboa, em Portugal, e Berlim, na Alemanha, ao longo da temporada e do ano letivo de 2015-2016.

São os resultados memoráveis dessa jornada, sempre em parte restritos, aqueles que agora e aqui se publicam. Eles falam, porém, pelo invisível que não ficou suficientemente dito: o empenho das partes no diálogo interdisciplinar do todo, a construção, quase ab ovo, de uma linguagem comum nem sempre convencional, o esforço necessário para nos deslocarmos para fora do que se chama eufemisticamente “o nosso lugar de conforto”.

“O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno” tornou-se assim um Tema-Problema. Pensado a partir da obra de Teixeira de Pascoaes (poeta-pensador do século XX, de inequívoca relevância para a cultura portuguesa na atualidade), o “Céu-disfarce-azul-do-Inferno” obriga a vasculhar o Passado e a levantar o Futuro: encontra-se, quer de forma patente quer de forma latente, ao longo das culturas de raiz judaico-cristã, como, talvez de forma menos evidente, noutras culturas; e permanece em nós, mesmo quando a uma visão teológica parecemos alheios, condicionando a nossa forma de sentir e pensar. Tendo na obra de Pascoaes e na produção literária portuguesa uma presença constante, o “Céu-disfarce-azul-do-Inferno” interessa a todos os que são sensíveis às ligações indelévels entre o corpo e a alma, a matéria e o espírito.

Desde a primeira hora apoiada e enquadrada pelo RG Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal (integrada na RL Filosofia Moderna e Contemporânea do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, RG-502-2085 Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal), promovem-se assim novos e aprofundados caminhos de investigação que criem alternativa aos rumos mais óbvios. Visa-se aqui um maior e mais esclarecedor conhecimento da nossa cultura e do nosso pensamento, nacional e transnacional, disciplinar e transdisciplinar. Caminhos do futuro que, apesar de todos os esforços que se têm feito, nos importa prosseguir: para que o caminho não seja comido pelas margens.

Remetendo para uma mundividência, não só de natureza religiosa (de raiz judaico-cristã), mas também profana, até pelas fontes anteriores à evangelização cristã na Península Ibérica, a inclusão desses dois espaços imaginários, o Céu e o Inferno, repercute uma visão que foi persistindo ao longo dos séculos, cada vez mais dissociada de uma cultura redutoramente chamada “popular”, em que as fronteiras entre o sagrado e o profano se esbatem, num devir em que a diferença entre o ortodoxo e o heterodoxo deixa, em grande medida, de fazer sentido. Será esse, cremos, um dos grandes desafios do nosso tempo, seduzido pelo radicalismo por recear pensar o sincretismo.

Sem remetermos para o pensamento de Nietzsche, sempre com imprevisíveis implicações, poder-se-á dizer que estamos aqui também num jardim que existe “para além do bem e do mal”. Mas não nos iludamos, porque todas essas visões antigas e novas do céu e do inferno não deixam de, a seu modo, apontar para um bem e para um mal, por vezes de forma muito surpreendente e desconcertante, pelo menos se as virmos à luz das perspetivas tradicionais.

Tal pode explicar-se, desde logo, por uma estrutura comum a todas as visões religiosas ou proto-religiosas (mais ou menos moralistas), em que a presença de uma bipolaridade entre o mais positivo e o mais negativo

(chamemos-lhe ou não bem e mal, céu e inferno) sempre comparece.

Porém, importaria também aqui conseguir perceber, à luz das diversas conceções filosóficas, mais ou menos imbuídas de teologia, do que falamos exatamente quando falamos de Bem e de Mal, de Céu e de Inferno – ou, mais extensivamente, de Amor e da sua ausência, da Paz e da Violência, do que nos aproxima enquanto humanos e do que nos separa... As letras maiúsculas com que muitas vezes identificamos estes conceitos são retóricas: tentam convencer-nos, a nós e aos outros, de que identificamos e definimos objetos que nos fogem, ainda que chamados pelo Nome. As tempestades que geram as trevas são motivadas por quê? O que gera as tempestades? O que gera as trevas? O que gera o bem? E o mal? Quando falamos de Mal, de que tipos de mal falamos nós? Quando falamos de Bem, em quantas pessoas pensamos? Será o nosso Céu o Inferno dos outros? O que nos faz antecipar tantas vezes o Juízo Final, pronunciar aqui e agora a Voz de Deus? Eis algumas questões que encontrámos problematizadas de forma particularmente sugestiva na performance/espetáculo que integrou este projeto.

Salientando a dimensão física e até sensual, encontrámos no projeto um ritmo natural que – pela própria natureza sinestésica (pelos sons, pelas imagens), ou pela sua ordenação cronológica (evidências das performances e das reflexões teóricas que dela partiram ou a ela vieram a dar) – induz um movimento de atração. Parte de uma inicial sutileza, e num crescendo de intensidade, assume contornos que se podem designar até como “brutais”. Como se houvesse aqui uma sublimação do menor que se exalta como ponto de partida e novo ponto de chegada, como se fosse proposta uma dialética que é uma espécie de luta eterna entre uma dimensão mais apolínea, e uma dimensão mais dionísica, entre o bem e o mal, entre as trevas e a luz, mas sem que nenhuma das colunas criadas fosse legível por si.

Mesmo que Teixeira de Pascoaes – autor d’Arte de ser Português e d’O Homem Universal, de Para a Luz e d’As Sombras, de À Ventura e de Jesus e Pã – tenha tido como horizonte o regresso ao Paraíso, o mesmo só se tornou possível por via da dor, por via das trevas, tendo chegado a questionar-se, em Duplo Passeio: “que é a vida se não Mitologia?”

Se o autor inspirador deste projeto e deste volume escreveu (precisamente em Para a Luz, num poema intitulado “Trevas”) que viu naufragar “numa treva d’abismo” os seres descobertos à luz de um luar de morte, de descrença, de crueldade, então, de algum modo, a vida pode ser “horível momento” e “o Céu apenas um disfarce azul do Inferno” (verso colhido no poema “Trevas”)... Como poderíamos também prosseguir este projeto perguntando ainda com Pascoaes:

De que serve nascer

Ter um sonho, um ideal, para depois morrer?...

E a morte é a podridão, o nada, a cinza fria...

E a luz que em nós brilhou, toda amor e harmonia,

Em que treva e silêncio ela se converteu...

A que abismo sem fim, chorando, ela desceu!...

E quando brilha nos meus lábios um sorriso

E nos meus olhos a visão do Paraíso,

Quando mística luz trespassa o nosso ser,

Talvez, ó negra dor, nosso íntimo prazer

Tortura, sem piedade, ignotos corações!...

De quantas mortes serão feitas as visões?...

De quantas dores, para nós, misteriosas,

Será feito o prazer que enche um perfil de rosas?...